

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Luísa Rezende Teixeira

GRAFISMO INFANTIL
UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A LINGUAGEM ESCRITA

Brasília
2007

Ana Luísa Rezende Teixeira

GRAFISMO INFANTIL

UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A LINGUAGEM ESCRITA

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Faculdade de Ciências
da Educação – FACE, do Centro
Universitário de Brasília –
UniCEUB, como parte das
exigências para conclusão do curso.
Orientadora Doutora Maria Eleusa
Montenegro.

Brasília
2007

Dedico essa monografia aos meus pais, José Ozanan Teixeira e Mirene de Rezende Teixeira, por terem acreditado em mim e me darem força e incentivo, durante essa caminhada no curso de Pedagogia. Dedico também à minha avó Luzia Maria, pelo carinho e o amor. Aos meus amigos e primas que também acreditaram em mim e na minha capacidade. E as minhas colegas de trabalho pela compreensão.

RESUMO

O desenho é para a criança uma atividade que envolve muitas de suas necessidades e potencialidades. No desenho, pode-se ver a inter-relação de vários aspectos do seu desenvolvimento: motores, afetivos, cognitivos. Para a criança, o grafismo é o resultado de uma tendência natural, expressiva, representativa, que revele seu mundo particular. A evolução do grafismo se faz em ritmo pessoal, com um sentido que lhe é próprio. Entretanto, existem semelhanças nas representações gráficas de todas as crianças, dando origem, assim, a estágios regulares. O objetivo principal deste trabalho foi conhecer e compreender a linguagem gráfica infantil e seu desenvolvimento, verificando sua contribuição para a linguagem escrita, sendo os objetivos específicos: verificar a compreensão dos professores sobre o desenvolvimento gráfico infantil; perceber a atuação dos mesmos diante do desenvolvimento do grafismo; e levantar as formas de avaliação do desenvolvimento do grafismo. Esta pesquisa baseou-se na metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas como instrumentos de pesquisa. Os participantes da pesquisa foram quatro professoras que atuam nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano. Para organização, análise e discussão de dados, às seguintes categorias: compreensão do grafismo; ação do professor diante do grafismo; atividades para o desenvolvimento do grafismo; e avaliação e entendimento do grafismo infantil. Como alguns resultados do trabalho, pôde-se perceber que: o grafismo é a representação gráfica da realidade da criança; é preciso deixar a criança vivenciar aquilo que está aperfeiçoando; e a criança vai evoluindo de acordo com o seu aprendizado. Este estudo propôs-se refletir sobre o grafismo de uma criança, partindo dos objetivos que eram compreender a evolução gráfica e verificar a relação que a criança faz com sua realidade. Verificou-se, nesse sentido, que as crianças desenham de acordo com o que elas estão sentindo naquele momento. Ao compreender e encaminhar os cursos de Artes para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estar-se-á ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive.

Palavras-chave:

Grafismo Infantil. Desenvolvimento Gráfico. Linguagem Gráfica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	JUSTIFICATIVA	06
3	PROBLEMATIZAÇÃO	06
4	OBJETIVOS	06
4.1	OBJETIVO GERAL	06
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	06
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
5.1	LINGUAGEM GRÁFICA	07
5.2	A GARATUJA COMO VESTÍGIO DAS LETRAS	09
5.3	ESTÁGIO E FASES DO DESENVOLVIMENTO	12
6	METODOLOGIA	14
6.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA	14
6.2	INSTRUMENTO DE PESQUISA	15
6.3	CENÁRIO E PARTICIPANTES	15
6.4	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	16
6.5	CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	16
6.5.1	Especificação das Categorias Escolhidas	16
6.5.2	Organização, Análise e Discussão dos Dados	17
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA	25

1 INTRODUÇÃO

O desenho é para a criança o resultado de uma tendência natural, expressiva, representativa, que revela seu mundo particular. É uma atividade que envolve muitas de suas necessidades e potencialidades. No desenho da criança pode-se ver a inter-relação de vários aspectos do seu desenvolvimento: motores, afetivos, cognitivos, por exemplo.

Desde pequena, as crianças adoram desenhar, principalmente se forem incentivadas e se tiverem alguns instrumentos para que esse desenho seja feito. A natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico; ela faz o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso, gosta tanto de brincar e desenhar.

Segundo Bessa (1969), a evolução do grafismo se faz em ritmo pessoal, com um sentido que lhe é próprio; entretanto, características comuns subsistem nas representações gráficas de todas as crianças.

Como diz Sans (1995), a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso, gosta tanto de brincar e desenhar. O lúdico é o seu meio de expressão fundamental, que simboliza suas experiências e desejos.

As crianças, para se expressarem, utilizam uma modalidade de linguagem, a linguagem gráfica. Nesta, a criança dispõe de vários recursos e meios para demonstrar seus sentimentos, emoções e entendimentos do mundo.

A linguagem escrita é uma parte atraente do universo adulto dotada de prestígio por ser secreta, ao mundo infantil exercendo uma verdadeira fascinação sobre a criança, bem antes de poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo, a criança tenta imitar a escrita dos adultos para poder se comunicar com o mundo deles, em sua grande maioria, sem sucesso.

Este assunto foi investigado, neste trabalho, através de entrevistas com professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, buscando-se soluções para a compreensão do grafismo em sala de aula, colaborando na formação da criança.

2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa foi desenvolvida para um maior estudo e esclarecimento da comunicação infantil por meio da linguagem gráfica, devido a sua importância para o meio social e escolar.

Tem como pensamento que, compreender o processo de conhecimento da arte pela criança, significa mergulhar em seu mundo expressivo e, portanto, é preciso procurar saber o porquê e como ela faz o desenho. A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, quanto plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança, percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.MEC, 1997) nas escolas, de uma forma geral, o desenho se encaixa dentro da disciplina denominada “Artes Visuais”. O desenho faz parte de um conjunto de atividades plásticas, tais como: a pintura; a escultura; a modelagem; a marcenaria; a colagem; a confecção de máscaras, de bonecos e de outros objetos; abrangendo uma determinada faixa etária a partir da pré-escola.

Pode-se dizer, então, que o desenvolvimento do grafismo é a revelação da natureza emocional e psíquica da criança. É a sua linguagem gráfica, por meio da qual deixam registradas suas idéias, vontades e fantasias. É pela evolução do grafismo que se pode acompanhar as mudanças e os aprimoramentos dos desenhos das crianças.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

A escolha desse tema foi devido a certa curiosidade a respeito do grafismo no cotidiano escolar. Esse tema, apesar de não ser compreendido por muitos professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, ele tem uma grande importância no dia-a-dia do professor, pois, através desse desenho o professor poderá descobrir o mundo interior da criança.

A pesquisa teve também como objetivo oferecer subsídios para os professores a fim de que possam saber que, com o Grafismo de uma criança, podem obter muitas informações sobre essa criança.

Assim, algumas perguntas foram respondidas durante a pesquisa.

- Qual o papel do professor diante do grafismo?
- Como o professor avalia o grafismo infantil no dia-a-dia?
- Como o professor pode promover o desenvolvimento do grafismo em sala de aula?

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer e compreender a linguagem gráfica infantil e seu desenvolvimento, verificando sua contribuição para a linguagem escrita.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a compreensão dos professores sobre o desenvolvimento gráfico infantil;
- Perceber a atuação dos mesmos diante do desenvolvimento do grafismo;
- Levantar as formas de avaliação do desenvolvimento do grafismo;

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 LINGUAGEM GRÁFICA

Segundo Lowenfeld (1977), o desenho infantil expressa o mundo interno da criança e sua personalidade. Através dele, pode-se conhecer seus pensamentos, desejos, fantasias, medos e ansiedades. Pelo desenho, constata-se como ela percebe e compreende o mundo, havendo a expressão de aspectos afetivos e cognitivos de sua personalidade. O grafismo é a manifestação de uma necessidade vital para a criança: conhecer e agir sobre o mundo, comunicar-se com esse mundo. Mas isso não significa que todas as crianças gostem de desenhar; algumas preferem outro tipo de atividade expressiva como pintar, modelar, construir com sucata, representar e cantar. Além disso, pode-se através da análise do desenho, constatar o nível de maturidade intelectual da criança.

Já para Iavelberg (2004, p. 81):

O desenho da criança, desde cedo, sofre influência da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças. A criança pode ser autônoma ao executar e interpretar trabalhos artísticos, embora o faça de maneira cultivada, ou seja, detonando a influência cultural que recebe e expressando nas suas atividades: o local e a época histórica em que vive; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o que é o desenho e para que serve desenhar; seu potencial para fazer desenho e refletir sobre a produção de desenhos.

Para compreender as questões relativas à produção do desenho pelos aprendizes, Iavelberg (2004) diz que é necessário que o educador possa responder ao que é desenho e quais são suas correspondências com o mundo físico, com o mundo do desenhista e com o mundo da cultura. Essa autora ainda diz que é importante saber, também, que o desenho não é simplesmente a representação do mundo visível, mas que é uma linguagem com características próprias, com forte marca de decisões individuais, evitando-se que se enquadre os estudantes em visões parciais e deformadas sobre o ato de desenhar e ler desenhos. A assimilação parcial de teorias sobre a aquisição do desenho é comum; portanto, cabe aos educadores lutar pela não

deformação de conceitos sobre arte em seu ensino, pois é fundamental que se possa aprender de forma atualizada, ou seja, em correspondência com o pensamento sobre o desenho, com fontes na história da linguagem, chegando aos modos mais contemporâneos de sua conceitualização da época, considerando a variedade dessas manifestações nas culturas.

Segundo Ferraz e Fusari (1999), compreender o processo de conhecimento da arte pela criança, significa mergulhar em mundo expressivo; por isso, é preciso procurar saber por quê e como ela o faz. A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Esses autores ainda dizem que, ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. A expressividade infantil é a mobilização para o exterior das manifestações interiorizadas e que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos. Assim, desde bem pequenas as crianças vão desenvolvendo uma linguagem própria, traduzida em signos e símbolos carregados de significações subjetivas, como, por exemplo, os rabiscos que são extensões de seus gestos primordiais. Esta dimensão particularíssima da linguagem da criança é que a faz reconhecida e respeitada.

Logo, desde pequenas, as crianças vão desenvolvendo uma linguagem própria, traduzida em símbolos e carregados de significação subjetiva e social, como os rabiscos, afirmam Ferraz e Fusari (1999). Esta dimensão, particular da linguagem da criança, é que a faz reconhecida e respeitada. A criança em atividade expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca em uma sucessão de imagens, signos, fantasias que às vezes são mais considerados por ela no momento em que aparecem do que no resultado do trabalho.

Ao desenhar, a criança coloca põe para fora um universo de desejos e realidades que estão em sua mente. Assim, Sans (1995) afirma que “percebeu-se o rico universo, repleto de particularidades autênticas e originais que a criança oferece por intermédio de suas criações plásticas.”

Para a criança, essa linguagem que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e

intelectual e resulta de sua experiência de vida. Segundo Sans (1995), “é importante que a sua ação lúdica seja entendida como algo inerente à sua própria condição de ser e de viver”.

Segundo Ferraz e Fusari (1999), sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida. Conseqüentemente, ao compreender e encaminhar os cursos de Artes para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estar-se-á ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive. As autoras citam, ainda, que as aulas de arte constituem-se em um dos espaços onde as crianças podem exercitar suas potencialidades perceptivas, imaginativas ou fantasiosas. Durante as criações ou fazendo as atividades de seu dia-a-dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos construtivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Elas aprendem a nomear esses objetos ou fenômenos, sua utilidade, seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, texturas etc.), ou qualidades estéticas, bem como a conhecer suas principais funções. Mas, para que isso aconteça, é necessária a colaboração do outro, do professor, dos pais etc.

As pessoas tendem a expressar em seu desenho, de forma involuntária, uma visão de si mesmo, tal como são ou gostariam de ser. Quando se observa o desenho de crianças, percebe-se a transmissão de aspectos que elas talvez jamais verbalizam.

5.2 A GARATUJA COMO VESTÍGIO DAS LETRAS

Ao se examinar superficialmente os primeiros traços e desenhos realizados por crianças, onde geralmente ocorre aos 2 anos. Segundo Meredieu (1987), descobre-se que os pequenos realizam marcas, riscos, linhas, que se entrecruzam sem um sentido preestabelecido. São assim chamadas de garatuja. Esses traços iniciais configuram uma primeira escrita em imagens, em que persiste uma falta de destreza e habilidade manual para realizar uma figura socialmente legível. Como por exemplo, a criança faz um traço, uma garatuja e afirma que é um gato, um cachorro, uma menina ou o quê, naquele momento, ela está captando sua intenção, seu desejo. Sobre este aspecto, Meredieu (1987, p. 9) ainda afirma:

Engendradora pelo desenvolvimento da função simbólica na criança, a evolução do desenho depende intimamente da evolução da linguagem e da escrita. Parte atraente do universo adulto, dotada de prestígio por ser secreta, a escrita exerce uma verdadeira fascinação sobre a criança, e isso bem antes de ela própria poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo, ela tenta imitar a escrita dos adultos. Geralmente, é entre os três e quatro anos que a criança produz essa escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra, e carregada para ela de uma fabulosa polissemia.

A falta de destreza e domínio não impede que se realize essa verdadeira representação de escrita. Nesse sentido, a criança antecipa-se mentalmente (simbolicamente) à possibilidade efetiva e eficaz de seu controle manual. Os movimentos da mão possibilitam a escrita desses primeiros traços; neles se ata o movimento da mão a uma superfície que transforma o espaço num vestígio, numa presença de existência subjetiva. Nessa presença, o movimento da mão se perdeu; seu vestígio configura o traço, essa marca imóvel que liga o movimento do corpo à escrita. Esse movimento desordenado da mão inscreve-se numa superfície em que o próprio ato de escrever impõe-se à criança como ligadura que alinhava, compõe; o garatujar ao significante que representa essa garatuja para outro significante, numa série em que o sujeito se representa no campo do outro. Só ali a criança encontra a sanção que confirma seu traço, sua garatuja, como lugar de presença em que sua existência coloca-se em ato. Segundo Meredieu (1987, p. 11), ainda sobre este aspecto, “inversamente com a escrita, a criança descobre novas possibilidades gráficas. Escrita e desenho podem então se misturar (a criança escreve um texto no seu desenho) ou confundir-se (a escrita torna-se mais um jogo e o alfabeto um pretexto para variações formais)”.

A criança necessita que o outro lhe confirme que, nessa garatuja que ela criou, efetivamente há um gato, ou uma casa, ou um papai, ou uma mamãe, ou qualquer outro significante com que ela nomeia esse traço. Nesse sentido, também é habitual ouvir a seguinte pergunta da criança, sobre sua garatuja: “Mamãe, o que está dizendo aqui no desenho?” ou “Que letra escrevi?” ou “Você lê o que eu fiz?”.

A garatuja não é simplesmente uma atividade sensório-motora, descomprometida e ininteligível. Existem pesquisas a respeito dos tipos possíveis de garatuja, já realizadas por milhares de crianças, imprimindo uma qualidade científica e normativa à nossa conduta. De acordo com o site Arte – Educação (2006), as garatuja classificam-se em:

- Desordenada – Ausência de controle dos movimentos. Uso da cor pelo simples prazer de experimentá-la, sem intenções. A figura humana não aparece e o espaço não é

totalmente utilizado. Ainda muito próxima da rabiscagem, seus desenhos variam muito: ora fracos e concentrados, ora fortes e dispersos pelo papel;

- Longitudinal – Movimentos repetidos em várias direções, principalmente na vertical e horizontal, estabelecimento da coordenação entre a atividade visual e a motora. Controle dos movimentos. A cor ainda é usada inconscientemente. O espaço é utilizado somente de base sinestésica, muitas vezes não saindo de um mesmo lugar; outras vezes riscam uma folha inteira, misturando tudo que já experimentaram;

- Circular – Auto-afirmação do controle através de desvios do tipo de movimento. Com o treino aparecem ensaios repetidos de pequenas células ou pequenos círculos ainda sem intenção, significado ou expressão. É a exploração do movimento circular feito com todo o braço, que varia do tamanho de um pequeno ponto até o círculo que ocupa a folha toda. A cor ainda é utilizada com base emocional;

- Controlada – Pensamento imaginativo. Mistura de movimentos com freqüentes interrupções. Figura humana de modo imaginativo através do ato de comentar; os pequenos círculos se transformam em pessoas e animais, dando-lhes cabelos, olhos e membros (em geral braços). Espaço puramente imaginativo. Cor usada para distinguir diferentes significados da garatuja. O desenho deixa de ser simples expressão motora e começa a representar coisas de sua realidade, em geral figuras humanas;

- Intencional – Aparecem nos desenhos outros elementos, além da figura humana, quase compondo uma cena, ainda rudimentar. Enquanto desenha, a criança fala e conta histórias, explicando seus rabiscos de diversas maneiras. A figura humana é mais completa, com cabeça, tronco e membros definidos com pés e mãos. No final desta fase, a criança começará a misturar aos seus desenhos uma escrita fictícia, traçada em forma de serras ou pequenos elementos parecidos com os signos.

As garatujas funcionam como unidades gráficas abstratas e que estão contidas em qualquer desenho figurativo. Nela pode-se analisar como anda o ambiente em que a criança está inserida.

Greig (2003) estudou a evolução do desenho da criança, os primeiros rabiscos às pequenas composições, de sua “idade de ouro”, ao esgotamento na adolescência. Segundo o

autor, o desenvolvimento gráfico da criança traduz o impulso conjugado da afeição aos seus próximos e da afirmação de si como sujeito sexuado. Esse duplo movimento, que se enraíza ali, prolonga-se na expressão humana da escrita e da arte.

5.3 ESTÁGIO E FASES DO DESENVOLVIMENTO

Segundo Bessa (1969), existem várias classificações referentes ao estágio e fases do desenvolvimento gráfico infantil, tendo em vista parâmetros sociais, culturais, psicológicos e pedagógicos. Esses estágios para Bessa (1969), são os seguintes:

- Estágio de rabiscção – Neste é visível a capacitação da criança em utilizar instrumentos que ela possa rabiscar sem significação intencional (faixa etária: 18 meses a 4 anos);
- Estágio de início de figuração – Neste surgem as primeiras formas reconhecíveis, onde a criança já desenvolveu certa capacidade de rabiscar uma significação intencional (faixa etária: 4 a 7 anos);
- Estágio de figuração esquemática – Corresponde a um realismo lógico, de acordo com a cultura em que a criança está inserida, no qual ela desenha o que conhece ou o que já obteve alguma forma de experiência. Entretanto, há a utilização de formas geométricas no desenhar da criança (faixa etária: 7 a 9 anos);
- Estágio de figuração realista – Neste estágio há uma preocupação da criança com os detalhes do desenho, procurando representar o que vê. Pouco a pouco, a estrutura simbólica dos esquemas vai perdendo o caráter geométrico, tendendo progressivamente para um contorno natural e real (faixa etária: acima de 10 anos).

A criança começa a desenhar a partir de 2 anos, com rapidez, não se importando com qual mão deve escrever e, com o passar do tempo, poderá fazer curvas fechadas, círculos e espirais. Aos 3 anos possui já um controle muscular, gosta de imitar os números e as letras, começa a dar nome para o faz. A partir daí, as crianças descobrem novas formas e vão evoluindo em seu desenho cada vez mais, dando formas, nomes e expressando o seu sentimento no desenho (SANS, 1995).

Ao atingir seus 10 anos, a criança já tem um senso crítico e fica mais exigente, procurando colocar uma lógica na sua criação. Para Sans (1995), “inicialmente os círculos são feitos em forma pura; aparecem vazios. Mas logo a criança começa a preenchê-los com riscos, até cruzá-lo de diversas maneiras”.

O adulto impede a criança de ser livre, de se expressar espontaneamente, por causa das suas regras e condições. Quando a criança enfrenta problemas e conflitos da vida, o adulto dificilmente percebe que ela está passando por dificuldades. Geralmente o adulto coloca a criança diante de deveres iguais aos seus, mas sem ter as mesmas vantagens e muitas vezes não percebe que, o que dizem, nem sempre é o melhor para aquela criança.

Sendo assim, Paulo Sans (1995) diz que “o adulto compara situações de modo projetivo, colocando-se como modelo para as crianças.” Similarmente, as condições para seu pleno conhecimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas, pois a criança é extremamente fiel às necessidades de seu sistema nervoso e existencial, que são alteradas constantemente, o que confere um tom de veracidade em todos os seus gestos.

6 METODOLOGIA

6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa utilizou pressupostos da pesquisa qualitativa, como metodologia, que envolve a obtenção de dados descritos, coletados no contato direto do pesquisador com a situação estudada; enfatiza mais o processo do que o produto; e se preocupa em relatar a perspectiva dos participantes. Segundo as autoras Menga e André (1986), as características de uma pesquisa qualitativa são:

- A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Citações são freqüentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes.
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
- O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
- A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.

Ainda para as autoras Menga e André (1986), outros termos que podem ser usados para a pesquisa qualitativa são: etnográfica, naturalística, participante, estudo de caso e estudo de campo.

6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Esta pesquisa utilizou como instrumento de pesquisa a entrevista que é um dos instrumentos mais usados para obter a coleta de dados de uma pesquisa. Através dela, cria-se uma interação entre quem vai entrevistar e quem vai responder; estabelece-se uma influência recíproca. Nela não há uma ordem direta sobre as questões, pois quem vai entrevistar começa a falar sobre o tema, com base no seu conhecimento e na medida em que houver conexão entre os dois as informações surgirão de maneira notável e autêntica. Nesse sentido, as autoras Menga e André (1986) afirmam que:

Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.

Ter a entrevista como instrumento de pesquisa, segundo as autoras Menga e André (1986), pode-se obter algumas vantagens na captação imediata e corrente da informação almejada. Se a entrevista for bem aplicada o pesquisador poderá aprofundar ainda mais os pontos que serão discutidos, podendo também fazer correções, esclarecer informações desejadas, obter informações que não seriam atingidas se fossem feitos por outros instrumentos; enfim, “como se realiza de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas.” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

Segue em Apêndice o roteiro a entrevista.

6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES

Essa pesquisa teve como cenário uma escola particular do Plano Piloto – Brasília – Distrito Federal, que possui de creche ao 9º ano do Ensino Fundamental.

As participantes foram quatro professoras, sendo uma de Artes e as outras duas atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Essa pesquisa foi realizada nas seguintes fases, durante o período de agosto de 2006 a junho de 2007:

- a escolha do tema ocorreu em agosto de 2006;
- para a elaboração da fundamentação teórica foram necessários 11 meses, ou seja, de agosto (2006) a junho (2007);
- para a elaboração do projeto de monografia foi utilizado o mês de agosto (2006) a novembro (2006);
- a construção e aplicação dos instrumentos de pesquisa foram realizadas nos meses de novembro (2006), e maio (2007);
- a organização, análise e discussão de dados foram realizadas nos meses de abril e maio;
- a elaboração final da monografia ocorreu em junho; e
- a apresentação oral da monografia aconteceu no mês de junho.

6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.

6.5.1 Especificação das categorias escolhidas

As categorias escolhidas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

- Compreensão do grafismo;
- Ação do professor diante do grafismo;
- Atividades para o desenvolvimento do grafismo;
- Avaliação e entendimento do grafismo infantil.

6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.

As professoras entrevistadas foram de escolas particulares e serão identificadas como professoras 1, 2, 3 e 4. São do sexo feminino, encontravam-se na faixa etária de 31 a 50 anos. Uma professora possui graduação somente em Artes Plásticas; uma tem graduação em Pedagogia e seu tempo de magistério é de 8 anos; e a quarta professora tem 20 anos de magistério e não possui nenhuma graduação; e a quarta professora tem 10 anos de magistério e está cursando Pedagogia.

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias escolhidas, conforme descrição a seguir:

➤ Compreensão do grafismo

Professora 1: “O grafismo é o começo de uma longa caminhada da criança. Pois primeiramente vem o rabisco, onde serão aperfeiçoados com o tempo, até chegar à figura real. A criança compreende o mundo de uma maneira e assim com o seu desenho passa para o papel aquilo que almeja”.

Professora 2: “Para mim o grafismo de uma criança representa o que ela está sentindo naquele momento, mostra o mundo interno da criança, os seus desejos e a realidade. Com ele, podemos ver a evolução que a criança tem no decorrer do ano. E muitas vezes podemos também perceber que a criança está passando por alguns problemas em sua vida”.

Professora 3: “Entendo o grafismo infantil como a primeira manifestação gráfica da criança que está descobrindo o movimento e explorando o espaço gráfico. Como a criança está vendo o mundo naquele exato momento”.

Professora 4: “São os sentimentos das crianças expressos nos desenhos”.

O grafismo, para essas educadoras, é a representação gráfica da realidade, do desejo das crianças, através do desenho. Bessa (1969) diz que “a evolução do grafismo se faz em ritmo pessoal, com um sentido que lhe é próprio; entretanto, características comuns subsistem nas representações gráficas de todas as crianças, dando origem a estágios regulares”.

➤ Ação do professor diante do grafismo

Professora 1: “A criança nas minhas aulas tem a liberdade de desenhar o que está pensando; não sou de perguntar o que significa aquele desenho; prefiro não me envolver com o mundo particular da criança; se algo me chamar atenção, começo a partir daí a questionar a criança e o porquê daquele desenho”. “Procuro sempre trabalhar com materiais que as crianças possam sentir e tocar, mostrar como aquilo pode ser feito através de algum material que lhe é dado”.

Professora 2: “Procuro deixar a criança imaginar e desenhar o que ela deseja; gosto, também, no final do desenho, perguntar e questionar o porquê daquele desenho. Se for alguém da família, algum lugar que ela já tenha ido ou deseja ir, procuro sempre conversar e perguntar, porque a melhor maneira de entender o mundo interno da criança é observar o seu desenho”. “Nas minhas aulas gosto de fazer atividades que as crianças se familiarizem com o tema, que seja da sua realidade. Procuro dar as minhas aulas e em seguida pedir para que as crianças façam um desenho para ver se realmente aquele tema chamou sua atenção e se ela conseguiu captar o que foi dado naquela aula. Deixo também que a criança sinta o que ela está fazendo, como, por exemplo, na hora da atividade na apostila, fazendo o treinamento com retas, círculos, ondas, peço para que em seguida elas façam isso com a massinha de modelar, para que ela possa perceber o formato e possa sentir”.

Professora 3: “Incentivo sempre a caprichar e procurar fazer melhor do que ontem, porque já aprenderam mais coisas. Mas a criança precisa ter total liberdade para desenhar o que gosta”. “Como minhas crianças já são maiores, aparece então a intenção de desenhar. Normalmente sobre temas que gostam e que têm referência com ela. Para promover o desenvolvimento do grafismo é necessário proporcionar à criança momentos em que ela tenha oportunidade de experimentar, tocar, observar. Por exemplo: a figura humana aparece mais detalhada depois de estudar sobre o corpo humano onde a criança faz o contorno do corpo do colega e, observando-o, coloca as partes que faltam. Nestes momentos as interferências são importantes no sentido de chamar atenção da criança como, por exemplo, perguntar: temos a cabeça e o que vem logo abaixo?”.

Professora 4: “Deixo sempre que meus alunos registrem no papel ou em qualquer outro lugar, o que eles estão pensando, desejando e quem realizar. Procuro deixar os desenhos livres, para que liberem a imaginação”. “Peço sempre para as minhas crianças experimentarem o que nós

estamos fazendo como atividade, peço para que façam juntos comigo o comando da apostila. Tento estimular o máximo que eu posso, dando atividades que desperte o interesse das crianças”.

Os pensamentos das educadoras se coincidem, pois reforçam, a todo o momento, que deixam as crianças desenharem com liberdade, com prazer, procurando temas que irão chamar à atenção das crianças, que sejam interessantes, para que haja a participação dos alunos. As professoras também dizem que é importante a criança tocar e sentir o que ela está fazendo. Para Ferraz e Fusari (1999), “sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida”.

➤ Atividades para o desenvolvimento do grafismo

Professora 1: “As atividades são desenvolvidas de acordo com o cronograma; geralmente sigo de acordo com uma data especial, como dia das mães, páscoa, entre outras. Mas isso não significa que a criança obrigatoriamente tenha que fazer aquela atividade sobre esse tema; não forço; deixo a criança imaginar. As atividades mexem muito com textura, colagem, pintura, proporcionando, assim, atividades que possam ajudar a criança a desenvolver o seu grafismo de forma espontânea”.

Professora 2: “Vejo sempre o lado da criança, o que ela mais deseja. Costumo fazer atividades que são chamadas de treinamento, sendo dos círculos, retas, numerais, ondas, e outros tipos de traços. Isso ajuda a criança na hora do seu desenho, para que ela faça, por exemplo, uma árvore, um ser humano, entre outros”.

Professora 3: “Viver a realidade concreta é muito importante, mas também é fundamental entrar no mundo da fantasia, dando ‘asas’ à imaginação, onde tudo é permitido. Procuo sempre fazer as atividades que a escola proporciona na apostila, que são os treinamentos de vários formatos, mas quando terminamos com as atividades da apostila, passamos para as atividades ‘reais’, onde a criança faz com algum material o que nós vimos na aula”.

Professora 4: “Atividades normais de sala de aula, a criança quando quer se expressar utiliza qualquer meio para transmiti-lo”.

Cada professora tem uma maneira de realizar suas atividades; seguem com o conteúdo, como diz a professora 2, mas, ao final, deixam que as crianças soltem a imaginação, desenhem, toquem, sintam o que desejam fazer. Isso é muito importante para a criança, pois, ao desenharem, elas expressam aquilo que algumas vezes podem estar incomodando. Sobre este aspecto, segundo Ferraz e Fusari (1999, p. 56):

A criança em atividade fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias, que às vezes são mais considerados por ela no momento em que parece do que no resultado do trabalho. Esses fatos são muito importantes para o conhecimento da produção da criança e evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e de seu mundo.

➤ Avaliação e entendimento do grafismo infantil

Professora 1: “Não dou nota só pela evolução que a criança tem com o seu desenho, mas sim pelo desempenho e força de vontade de querer aprender e melhorar sua coordenação. Por isso, ela precisa treinar em sala de aula o que está aprendendo”. “Acho não cabe ao professor entender o grafismo da criança, pois é necessário passar por toda uma avaliação para dar o diagnóstico da criança. Mas acho que o professor é o primeiro passo para que seja descoberto; ele pode perceber que a criança está com algum problema e pode dar oportunidade para que isso seja resolvido encaminhando-a para um especialista”.

Professora 2: “No grafismo da criança podemos perceber como ele está evoluído na maneira, por exemplo, que a criança faz a sua família, o corpo dessa família; aos poucos ela faz a seqüência exata do corpo: a cabeça, o pescoço, o ombro, e assim por diante. Assim vou avaliando o desenho da criança, a maneira que ela vai evoluindo”. “Procuro mesmo só questionar a criança do por que daquele desenho, pois é preciso ter muito cuidado para entender e dar um parecer sobre aquele desenho. Caso perceba alguma coisa diferente que possa parecer estar alguma coisa errada na vida da criança, procuro a nossa coordenadora, que é psicóloga, para que ela veja se é necessário encaminhar a criança para algum especialista”.

Professora 3: “Na medida em que a criança aprende e percebe o mundo que a cerca, o seu grafismo vai evoluindo”. “Entender o grafismo, requer muito cuidado. É preciso conhecer bastante a criança. O grafismo é um dado a mais que se tem para compreender a criança. Deve-se levar em consideração a complexidade da criança”.

Professora 4: “Procuro sempre prestar atenção no que elas desenharam no papel, verificar e comparar com os antigos desenhos, se essa criança teve alguma evolução com o seu desenho”. “Eu sei que não sou capaz de dar um diagnóstico do desenho de uma criança, mas seria interessante se cada professor se informasse mais pelo assunto, pois as crianças são umas ‘caixinhas de surpresas’”.

Pode-se observar que todas as professoras sabem que não podem dar o diagnóstico exato do desenho de uma criança, como diz a professora 1, mas os professores são os “primeiros passos” para que alguma seja detectada no desenho de uma criança, logo em seguida, é necessário encaminhá-la a um especialista, pois, como já foi falado, o desenho é um dos caminhos para se entender uma criança.

Segundo Ferrari e Fusari (1999, p. 63), “a construção de imagens e o desenvolvimento das etapas operacionais do pensamento artístico das crianças, presentes em seus grafismos, jogos, brincadeiras, encaminham-nos para compreender mais profundamente a linguagem da arte na vida infantil”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo propôs-se refletir sobre o grafismo de uma criança, partindo dos objetivos que eram compreender a evolução gráfica e verificar a relação que a criança faz com sua realidade.

Verificou-se, nesse sentido, que as crianças desenham de acordo com o que elas estão sentindo naquele momento.

Ao compreender e encaminhar os cursos de Artes para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estar-se-á ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive.

O grafismo é mais uma forma de avaliar as crianças, porém, pôde-se perceber, através das entrevistas, a falta de conhecimento dos professores quanto a esse tema.

Teve-se certa dificuldade de encontrar professores que soubessem responder questões sobre o grafismo infantil, tema que é muito importante para um professor, pois, através do desenho de uma criança pode-se detectar algum problema e, em seguida, encaminhá-la a um especialista.

Aos professores, é necessário pesquisar sobre esse assunto, pois em sala de aula, o professor pode observar vários aspectos com apenas um desenho.

Do ponto de vista teórico, é enorme a importância da representação gráfica da criança, e cada professor deverá ter idéias tão claras, o quanto possível, a respeito do problema.

Quanto à parte prática, o professor deverá ter em conta que as influências educativas deverão sempre oferecer o máximo de oportunidades para desenvolvimento, não só da capacidade gráfica da criança, como também de sua imaginação criadora.

REFERÊNCIAS

BESSA, Mahylda. *Artes plásticas entre as crianças*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

BRASIL. MEC.SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria do Ensino Fundamental, 1998.

DESENVOLVIMENTO GRÁFICO. *Arte – Educação*. Disponível em: <[http:// www.arteducacao.pro.br/educa/grafismo.htm](http://www.arteducacao.pro.br/educa/grafismo.htm)>. Acesso em: 29 nov. 2006

FERRAZ, Maria Heloísa Correa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1999.

GREIG, Philippe. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MEREDIEU, Florence. *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas*. Campinas: Papyrus, 1995.

APÊNDICE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
NOME: ANA LUÍSA REZENDE TEIXEIRA
DATA: __ / __ / __

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES SOBRE O TEMA:
GRAFISMO INFANTIL – UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LINGUAGEM ESCRITA.

- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

- Faixa Etária:

Faixa Etária	
20 – 30	
31 – 40	
41 – 50	
51 em diante	

- Sexo:

- Formação:

- Tempo de Magistério:

QUESTÕES

- 1) O que você entende por grafismo infantil?
- 2) Como você estimula e promove o desenvolvimento do grafismo em sala de aula?
- 3) Como você se comporta diante do grafismo das crianças?
- 4) Como avaliar o grafismo infantil?
- 5) Que atividades você utiliza para promover o desenvolvimento do grafismo?
- 6) O professor deve ter uma forma específica para entender o grafismo infantil? Explique.